



A NOVA-NORMALIDADE

Por: Luiz Felipe Lacerda¹, Márcia Kambeba², Sônia Guajajara³ e Yashodhan Abya Yala⁴

“O fim do mundo talvez seja uma breve interrupção de um estado de prazer extasiante que a gente não quer perder.” (Ailton Krenak, 2019)



A pandemia de COVID-19 colocou grande parte da população mundial verticalmente em quarentena. Vivenciamos uma mudança abrupta em nossos modos de viver. Deixar de desfrutar o espaço social, os encontros e também as incontáveis possibilidades de consumo, caminha na contramão de toda a dinâmica que a sociedade moderna construiu como grande oferta do estilo de vida no século XX. A pandemia marca o fim do século XX e o início do século XXI. Para os historiadores são os fatos marcantes que datam historicamente o início e final de ciclos e eras, foi assim com o século XIX e a primeira grande guerra, que nos convidou a reinventar a vida, como escreveu Hobsbaw (1995).

No contexto atual muitos e muitas sentiram-se tolhidos em algumas de suas liberdades individuais mais fundamentais, como o direito de ir e vir. Ficar em casa, revisitar a vida familiar e domiciliar com intensidade e ao mesmo tempo, administrar o altíssimo fluxo de informações e encontros virtuais, assim como os deveres domésticos e os deveres laborais trouxeram, para muitos, uma ansiedade nunca antes visitada.

* - A série Lendo e Refletindo é uma iniciativa do Observatório Nacional de Justiça Socioambiental Luciano Mendes de Almeida (OLMA), que busca socializar, através de sucintos textos, reflexões pertinentes às diferentes práticas e/ ou pensamentos ligados ao conceito de justiça socioambiental, economia solidária, educação popular, diálogo Inter religioso, educação para as relações étnico raciais, povos tradicionais, trabalho em rede, cenários políticos e administrativos nacionais, entre outros. A submissão de textos é aberta a quem interessar e não apresenta estrutura prévia obrigatória, estando ao livre estilo do autor. Se você tem interesse em enviar-nos um texto, ficaríamos muito agradecidos: olmacomunica@jesuitasbrasil.org.br / Para ler os textos já disponibilizados acesse: <http://olma.org.br/serie-lendo-e-refletindo/>

¹ - Psicólogo, docente de Universidade Católica de Pernambuco, secretário executivo do Observatório Nacional de Justiça Socioambiental Luciano Mendes de Almeida (OLMA). ² - Geógrafa, liderança indígena, poetisa, escritora, compositora, nação indígena Kambeba. ³ - Liderança indígena, nação Guajajara, coordenação executiva da Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB). ⁴ - ANGOMA DA CASA DA 7ª ORDEM Yalaşé da Nação Muzunguê Comunidade Kilombola Morada da Paz Território de Mãe Preta.



Essa ansiedade pode ser expressada, simbolicamente, na narrativa do senso comum: **Quando voltaremos a “normalidade”?**

Contudo, é imperativo perguntarmos, em um exame de autoconsciência: Que “normalidade” é esta?

A “normalidade” que construímos até o momento deixou um rastro latino-americano de 30% das pessoas a baixo da linha da pobreza⁵ e cerca de 10% na extrema pobreza⁶ (CEPAL, 2019).

A histórica incapacidade política em construir um Estado de Bem-Estar-Social **obriga 214 milhões de pessoas, diariamente, a passarem fome na América Latina** (FAO, 2020). A caracterização de um aparelho estatal a serviço do mercado, antes do que das pessoas, precarizou as condições mínimas para a manutenção sadia do tecido social, colocando, por exemplo, 10% da população do continente em situação de desemprego (CEPAL, 2019). Apenas no Brasil estima-se que quase 25% da população encontra-se em situação informal de trabalho (IBGE, 2019).

Nos últimos quatro anos, os bancos privados no Brasil bateram sucessivos recordes de lucros, chegando em 2019, a um aumento de 18% em seus ganhos, enquanto que a renda dos 5% mais pobres caiu 3,2%, de acordo com o DIEESE (2019).

Os casos emblemáticos desta “normalidade” servente ao mercado financeiro, nesse momento de pandemia, são os próprios sistemas de saúde em colapso por simples falta de investimento público.

A “normalidade” que construímos é, fatidicamente, o sofrimento da maioria em prol da felicidade da minoria. A “normalidade” que logramos construir é a concentração de renda e a desigualdade social. Esta é a “normalidade” para qual desejamos ansiosamente regressar?!



⁵ - PESSOAS QUE VIVEM COM MENOS DE 406,00 REAIS POR MÊS.

⁶ - PESSOAS QUE VIVEM COM MENOS DE 7,00 REAIS DIÁRIOS.



Enfim, a “normalidade” que logramos construir desvinculou totalmente nossos estilos de vida e de produção da manutenção sustentável do planeta. De acordo com o Greenpeace (2019), apenas entre 2018 e 2019 desmatamos da Amazônia seis vezes o tamanho de São Paulo (9.762 km²), para retirada de madeira e criação de gado.

Que “normalidade” é essa?! A que fecha os olhos para a raiz humana da crise ecológica? Para o fato de que se o mercado agir de forma descontrolada com a cumplicidade de um *Estado-Empresa* o homem será, de fato, o lobo do próprio homem? O voltar para a “normalidade”, que muitos anseiam, é regressar a um estado subjetivo obnubilado que **nos anestesia em um circuito diário, ciclicamente descartável de casa-trabalho-compras-casa?**

A pandemia de COVID-19 possui uma origem comprovadamente zoológica e isso deflagra a doentia relação que estabelecemos com a natureza, e suas consequências avassaladoras deflagram a doentia relação que estabelecemos entre nós mesmos, os humanos⁷. Leonardo Boff (2020) é taxativo ao afirmar sua teoria: a Terra é um ser vivo, ativo, desde a mais remota antiguidade civilizacional a Terra sempre foi vista como sagrada, como Mãe, um superorganismo que combina todos os fatores e as energias cósmicas de tal forma que sempre se mantém viva e que produz permanentemente as mais diversas formas de vida. *“A hipótese que proponho é que, neste momento a Terra reage, contra-ataca e faz a sua revanche contra a Humanidade.”*

Isso me lembra os ensinamentos de minha velha avó que dizia: “os povos faziam suas migrações não só para fugir do perigo mas para deixar a natureza se renovar, na volta tudo estava recuperado, e eles podiam novamente usar dos alimentos, as palhas, a argila. Uma forma de respeito com a Mãe Terra, de cuidado mútuo. Isso na cultura dos povos chama-se Bem-Viver e o tempo é sem dúvida necessário. Quanto tempo essa pandemia vai durar não sabemos, o que sabemos é que nesse tempo em que o maior predador se recolheu em seu habitat a natureza está trabalhando para continuar servindo a humanidade. (Márcia Kambeba)



⁷ - É IMPORTANTE ASSINALAR QUE AILTON KRENAK, AO LONGO DE SEUS DOIS ÚLTIMOS LIVROS (IDEIAS PARA ADIAR O FIM DO MUNDO (2019) E O FUTURO NÃO ESTÁ À VENDA (2020)) OFERTA UM QUESTIONAMENTO CONTUNDENTE SOBRE ESTE IDEÁRIO DE HUMANIDADE QUE SE CONSOLIDOU NA MODERNIDADE, PRINCIPALMENTE COM ARRANJOS ENTRE INSTITUIÇÕES MULTILATERAIS DE CUNHO GLOBAL, APÓS A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL.



Portanto, antes de deixarmos a ansiedade avançar para o regresso da “normalidade”, temos a oportunidade histórica de refletir sobre que “normalidade” é esta. **O futuro não está dado. Não é fato que sairemos deste momento mais altruístas e solidários**, tampouco que descortinaremos um momento mais ambicioso, ganancioso e destrutivo. A Razão Proléptica, denunciada por Boaventura de Sousa Santos (1995), que infere uma lógica linear e predeterminada da racionalidade e da subjetividade humana já foi, há muito, retirada de seu estandarte de *vere absolutum*.

Como sairemos desse momento, como construiremos o futuro e a possibilidade de uma Nova-normalidade está em jogo e tomará definições a partir de alguns elementos que pretendemos salientar a seguir.

1. TEMPO PARA SENTIR

Como salientaram recentemente Bruno Latour (2020) pensando o futuro pós-pandemia e Eliane Brum (2020) afirmando que “O futuro pós-Coronavírus já está em disputa”, o primeiro fato, até pouco tempo inimaginável, já aconteceu: Uma desaceleração radical foi imposta aos modos de viver e produzir.

De fato, ficou provado que é possível, em questão de semanas, suspender, em todo o mundo e ao mesmo tempo, um sistema econômico que até agora nos diziam ser impossível desacelerar ou redirecionar. A todos os argumentos apresentados pelos ecologistas sobre a necessidade de alteração do nosso modo de vida, sempre se opunha o argumento da força irreversível do “trem do progresso”, que nada era capaz de tirar dos trilhos. (Latour, 2020, p. 2).

A partir dessa parada obrigatória ganhamos a chance de refletir sobre novas formas de viver e produzir. Na quarentena essas experiências já estão em curso na medida em que milhares de pessoas vivenciam outras formas de relações familiares e domésticas, outras dinâmicas laborais, fábricas trabalhando em sistema de rodízio, sistemas educativos refletindo sobre o que de fato é essencial em suas grades curriculares, etc.

A disputa pela *Nova-normalidade* pós-pandemia, neste momento, passa sem dúvida pela subjetividade de cada sujeito. Latour mesmo, no texto supracitado, oferta uma série de questões que ajudam a refletir sobre quais atividades realmente são fundamentais ao nosso estilo de vida, de quais poderíamos abrir mão e quais novas ações poderíamos criar para ajustar a “normalidade” a novos parâmetros aliados a um viver - bem.

Em uma “normalidade” onde reclamávamos incansavelmente da falta de tempo, fomos impelidos a romper com a cadência, com o ritmo e com a velocidade com que levávamos a vida.

O tempo está dado. Como você está usando o seu?



2. QUESTIONAR AS ESTRUTURAS DA DESIGUALDADE E DAS INJUSTIÇAS

Neste tempo somos convidados a refletir sobre como desconstruir elementos basilares das injustiças. Estes questionamentos têm borbulhado atualmente com a requisição social de taxaço sobre grandes fortunas, sobre a eminente necessidade de plebiscito sobre as concessões televisivas, sobre a necessidade de descentralizar a posse da terra, a necessidade de construir um Estado minimamente sadio garantindo emprego e saúde para a população, sobre a imperativa necessidade de uma renda mínima universal.

Infelizmente, os governos democráticos de cunho popular que conquistaram a América Latina no início deste século, não lograram as transformações estruturais necessárias. Apesar de garantirem a diminuição da pobreza e a operacionalização da justiça através de políticas públicas que visavam a equidade social, flertaram com as estruturas opressoras aceitando as negociatas dos mercados internacionais e das elites políticas, deixando um legado de frágil, facilmente desmantelado por governos ultraliberais subsequentes⁸.

É, portanto, inevitável que neste tempo questionemos as estruturas que sustentam as desigualdades na América Latina e no Brasil. Ailton Krenak (2020) apresenta questões contundentes para um exame individual e coletivo, caso tenhamos realmente o interesse de criar uma *Nova-normalidade*:

Como produzimos aquilo que comemos e porque comemos aquilo? Como nos relacionamos com a água? Como nos relacionamos com a energia?



Ailton Krenak .
Foto: Percurso da Cultura (CC BY-SA)

⁸ - SOBRE ESSE CENÁRIO, AFIRMA O EX-PRESIDENTE URUGUAIO PEPE MUJICA (2018), "NA MAIORIA DOS CASOS NOS CONTENTAMOS EM TRANSFORMAR POBRES EM CONSUMIDORES, AO INVÉS DE CIDADÃOS".



No contexto de pandemia explicitou-se ainda mais a fricção entre economia e vida. A Ecologia Integral é enfática ao afirmar que não existem duas crises distintas, não existe uma crise social e outra crise ambiental, elas são facetas diferentes de uma mesma moeda. Pensar uma pós-pandemia só é possível dentro de uma perspectiva socioambiental integralista onde tudo está interligado.

Todos precisam despertar, porque, se durante um tempo éramos nós, os povos indígenas, que estávamos ameaçados de ruptura ou da extinção dos sentidos das nossas vidas, hoje estamos todos diante da iminência de a Terra não suportar a nossa demanda. (Krenak, 2019, p. 23).

Impressiona como construímos historicamente uma dissociação entre a natureza e a vida. Insolentemente, sentimos nossa vida mais ameaçada pela crise econômica do que pela crise climática, a despeito de todas as possibilidades de viver que encontramos ao analisar os aproximadamente 350 mil anos de história da humanidade frente aos aproximadamente 200 anos de capitalismo moderno.

Recentemente, através da Rede de Promoção de Justiça Socioambiental da Província dos Jesuítas do Brasil, lançamos um manifesto tratando desse tema específico⁹ no contexto da COVID-19. Nele afirmamos:

Não existe equivalência cabível entre a vida humana e a economia. A defesa da vida é valor máximo e supremo, se sobrepõe a qualquer outra esfera do tecido social e possui valor em si mesmo, constitui-se em seu próprio fim. O cuidado pela vida é também o melhor caminho para a economia. (OLMA, 2020, p. 02).

Nessa Nova-normalidade **há de se pensar na força que possui a natureza ao usar sua sabedoria para, em um curto espaço de tempo, ensinar ao homem a ciência do amor, da solidariedade e do cuidado.** Como a terra cuida dos homens, como as árvores cuidam do solo, como o solo alimenta a população microbiana que é invisível aos nossos olhos, mas que desenvolve um papel extraordinário em todo nosso sistema.

⁹ - TEXTO DISPONÍVEL EM: [HTTP://OLMA.ORG.BR/2020/03/26/O-CUIDADO-PELA-VIDA-E-O-MELHOR-CAMINHO-PARA-A-ECONOMIA/](http://olma.org.br/2020/03/26/O-CUIDADO-PELA-VIDA-E-O-MELHOR-CAMINHO-PARA-A-ECONOMIA/)



Ao questionarmos as estruturas que originam as injustiças socioambientais em nossa sociedade mostra-se urgente a construção de novas formas de organização e participação popular nas políticas públicas e na ordenação do aparelho estatal. Estas novas formas terão que ocorrer a margem dos métodos e protocolos construídos até o momento.

Shiva, por exemplo, sinaliza a exigência de uma outra noção de solidariedade associada a democracia como responsabilidade, *“a democracia real - não a democracia como o direito de comprar o que deseja, mas a democracia como a responsabilidade de prestar contas a todos ao seu redor.”* (2005, p. 35).

“Como foram expulsas do sistema político, as alternativas irão entrar cada vez mais frequentemente na vida dos cidadãos pela porta dos fundos das crises pandêmicas, dos desastres ambientais e dos colapsos financeiros.” (Sousa, 2020, p. 6).

A crise vigente deve servir também, no campo das organizações da sociedade civil e dos movimentos sociais, para revisitarmos nossas ações. Surge a impressão de que geralmente nos debruçaremos apenas sobre as consequências desumanas desta “normalidade”. Devemos nos questionar se temos alcançado o tencio-

namento, a incidência e a transformação, mesmo que mínima, de elementos que realmente são estruturantes das desigualdades e das injustiças socioambientais. Nosso foco está correto? Nossas estratégias são efetivamente transformadoras ou paliativas?

Para esta reflexão Santos (2020) em *A Cruel Pedagogia do Vírus*, aponta algumas lições que podem auxiliar:

- A) O tempo político e midiático condiciona o modo como a sociedade se apercebe dos riscos que corre.
- B) As pandemias não matam tão indiscriminadamente quanto se julga.
- C) Enquanto modelo social, o capitalismo não tem futuro.
- D) A extrema-direita e a direita hiper-neoliberal ficam definitivamente (espera-se) descreditas.
- E) O colonialismo e o patriarcado estão vivos e reforçam-se nos momentos de crise aguda.
- F) O necessário regresso do Estado e da comunidade é fato.

Para as respostas que necessitamos o habitual modo de refletir não serve. Analisar essas questões estruturantes sob a égide da cosmovisão eurocentrada nos colocará em um círculo vicioso metacognitivo esquadrihado dentro de sua própria lógica. É necessário um novo modo de proceder, é necessário promover uma ruptura na cosmovisão hegemônica.

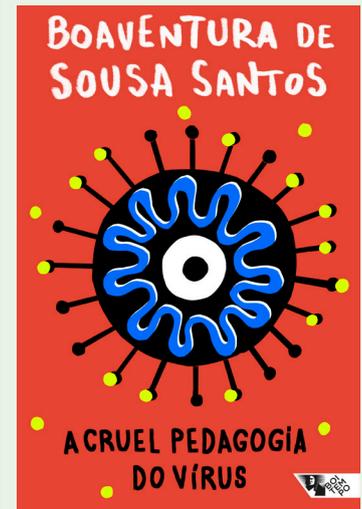


Foto divulgação: [e-book] A cruel pedagogia do vírus de <https://www.boitempeditorial.com.br/produ-to/e-book-a-cruel-pedagogia-do-virus-958>





3. RUPTURA DA COSMOVISÃO



Tratando-se de outras formas de perceber o mundo, devemos admitir que há décadas os povos tradicionais, entre eles de maneira especial os indígenas e quilombolas, anunciam esse momento de crise humanitária e além de apontarem os equívocos de nossas escolhas, oferecem caminhos alternativos, embasados em seus próprios modos milenares de viver.

Os povos indígenas, durante séculos, desenvolveram técnicas para contribuir com o equilíbrio entre homem e natureza. Percebendo a relação espiritual e sensitiva deles com a Terra, de cuidado e dependência, acabam por nomina-la Grande Mãe. Para eles tudo que existe sobre a terra e vive, tem espírito: as árvores, os pássaros, a água, o fogo. Assim, tudo o que acontece na aldeia é celebrado dentro de um ritual; por isso, não se pode matar além do necessário e essa caça terá que ser partilhada entre todos e todas.

Krenak (2020) denuncia nossa percepção hegemônica de tempo como algo retilíneo, linear e progressista, que limita a criatividade das alternativas. Em contrapartida ele apresenta a perspectiva temporal cíclica das populações indígenas, e nela uma vez mais se comprova que tudo está interligado. O tempo é uma espiral ascendente e aquilo que não foi resolvido no passado regressará com outra roupagem no presente.

Para além da perspectiva linear do tempo moderno, ocorre que a cosmovisão ocidental é acima de tudo racional, a apreciação do mundo passa primordialmente pelo sistema cognitivo e isto limita profundamente nossa compreensão. Esta limitação é nociva em diversas esferas, permite, por exemplo, que possamos justificar a domesticação destrutiva da natureza para fins comerciais.

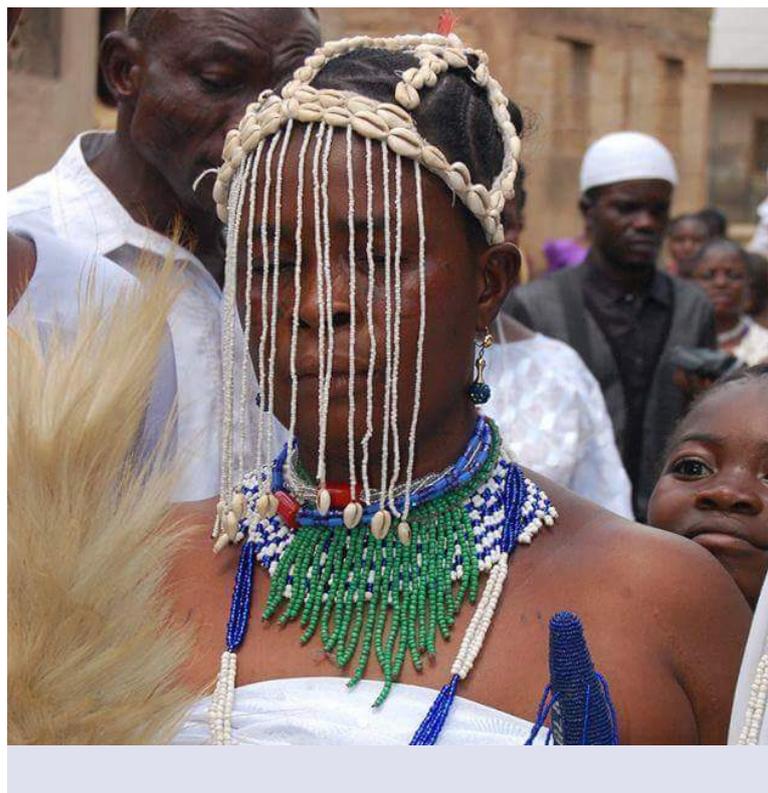


Para uma *Nova-normalidade* devemos de fato abandonar a cosmovisão, abandonar a metacognição que a ciência cartesiana embutiu na lente pela qual percebemos o mundo, devemos substituí-la por uma cosmosensação, justamente aos moldes das culturas milenares. **A cosmosensação é a apreciação do mundo através dos cinco sentidos de forma integrada, conseqüentemente, deslocando do cérebro para outras centralidades do corpo a assimilação.** De acordo com Ailton, deslocada da cabeça, essa centralidade passa a operar no que simbolizamos como coração, nas emoções. **Com a cosmosensação passamos a compreender o mundo pelo que sentimos e não pelo que pensamos.** Este sentir carrega em si o elemento da intuição que, para além da apreciação dos cinco sentidos, conecta a percepção humana com elementos imateriais, invisíveis a realidade concreta.

*“É no coração a morada da consciência”
(Krenak, 2020, p. 22).*

Também o Povo de Axé, originários na sua cosmo percepção de mundo, se orientam com conhecimentos que já anunciavam a necessidade de apreender a viver a teoria do impacto, onde nada que existe ocorre sem a consciência do contraste. Então, o que estamos vivendo é o tempo do contraste. Estávamos desacostumados a viver conosco mesmo, estávamos desacostumados a viver com o tempo. Este é o contraste imposto por este tempo de pandemia. Aprender com o contraste tempo-confinamento-solidão-vazio-estar consigo mesmo é reconhecer nossa distopia diante da vida e nos permitir, verdadeiramente, marcar um encontro com nossa alma para checar o que estamos fazendo com a nossa vida.

Há um provérbio dos povos africanos Swalili, chamado Kuumba: **A criatividade como princípio orientador da vida em comunidade guia a capacidade de inventar-criar-compartilhar.**



O princípio africano Swalili é importante para estes tempos, pois pode nos dar uma resposta mais adequada ao impacto imposto pela pandemia à nossa subjetividade. Na cosmosensação ou cosmo percepção destes povos de axé tal princípio implica na *“necessidade em expandirmos a luz sobre as trevas”*. A luz é o convite a estarmos mais em contato com nossa alma – nosso emi – ou seja, colocar como meta de nossa vida a atitude de solidariedade-criatividade-responsabilidade, nossa luz.

A ruptura da habitual cosmovisão em prol da cosmosensação é reveladora de outras formas de aprendizagens, como apontou David Ausubel no início dos anos 90, com o conceito de aprendizagem significativa. Ela toma novo fôlego na cena ocidental com a *Encíclica Laudato Sí* (2015), ao apresentar o Paradigma da Ecologia Integral. Bebendo das fontes do Bem-Viver oriundas das populações tradicionais da América Latina e da África, a Ecologia Integral apresenta-se como um novo paradigma interdisciplinar que, obrigatoriamente, nos leva a uma análise mais sistêmica da realidade.



Como exemplo, não basta mais ensinarmos as crianças a separar o lixo ao longo de oficinas escolares deslocadas da realidade. É necessário auxiliá-las a compreender, sentir, cheirar, emocionar-se com os caminhos que aquele resíduo percorreu até chegar às suas mãos. Quais atores e realidades estão envolvidos nesse percurso? Como vivem, quem são, porque vivem assim? Quantos anos esse elemento viverá na natureza caso seja descartado incorretamente? Quais as consequências desse descarte impróprio? Porque produzimos e para que precisamos? Essas e outras questões são fundamentais em uma Nova-normalidade-pedagógica que parte da premissa libertadora de que tudo está interligado.

A pandemia revela que o modo como habitamos a Casa Comum é nocivo à sua natureza. A lição que nos transmite soa: é imperioso reformatar nossa forma de viver sobre ela, enquanto planeta vivo. Ela nos está alertando que assim como estamos nos comportando não podemos continuar. (Boff, 2020, p.1).

A *Nova-normalidade* ou fundará uma nova ética humana embasada no respeito, no cuidado, na integralidade, na conversão socioambiental objetiva e subjetiva, reunindo um conjunto de novos filo-valores, ou estará fadada ao fracasso. É apenas a partir da ascensão de uma nova cosmo-sensação que a humanidade conseguirá estabelecer outra relação com a natureza e uma *Nova-normalidade*. A disputa que já está em jogo, como evoca Eliane Brum, passa sem dúvida pela alteração dos vetores que subjetivam cada pessoa. Antes de mais nada, a *Nova-normalidade* depende de uma reforma interna. Nunca, neste sentido, foi tão propícia a expressão de Mahatma Gandhi: *“Seja a mudança que você quer no mundo”*.

A afirmativa pode parecer um jargão aos ouvidos acostumados a escutar por décadas tal expressão, contudo, muito pouco se concretizou neste caminho. A incongruência parece ser condição prima do humano, temos um longo caminho a traçar entre o que falamos e o que fazemos e isto é o próprio caminho entre a doença e a saúde, como assinalou Maslow, pai da psicologia humanista.

A concretização da ação renovada baseada em uma nova ética humana parasse esbarrar em um material cultural incorporado desde nosso nascimento e reforçado ao longo de cada etapa de nossa singularização, que não permite nos distanciarmos e operarmos de maneira crítica do *modus operandi* da sociedade. Algo que Pierre Bourdieu (1979) descreveu enfaticamente como *habitus*¹⁰. Assim, romper com a “normalidade” socialmente imposta até aqui significa romper com nossa própria “normalidade” individual. Isto que está em jogo no desafio de concretizar **“sermos a mudança que desejamos para o mundo”**.

Como você tem apreendido o mundo? Quais sentidos lhe conduzem? Sua assimilação tem sido mental ou emocional? E, principalmente, qual sua força interna, sua potência de vida, sua força de desacomodação para romper seus próprios hábitos? São perguntas que deveriam nos guiar nesta necessária transição.

¹⁰ - O HABITUS É ESSE PRINCÍPIO GERADOR E UNIFICADOR QUE RETRADUZ AS CARACTERÍSTICAS INTRÍNSECAS E RELACIONAIS DE UMA POSIÇÃO EM UM ESTILO DE VIDA UNÍVOCO, ISTO É, EM UM CONJUNTO UNÍVOCO DE ESCOLHAS DE PESSOAS, DE BENS, DE PRÁTICAS PRODUZIDOS E QUE GERAM SENTIDO À VIDA.” (BOURDIEU, P. 121).



4. FALAR É AÇÃO QUE CONSTRÓI A REALIDADE



Roda de conversa, 4a SEMEA (<http://olma.org.br/4asemea-principaismateriais/>)

Inúmeros autores clássicos do desenvolvimento humano, entre eles Piaget, Wallon e Vygotsky, demonstraram como a linguagem ocupa um lugar central da organização interna e externa da realidade humana. Mais recentemente, no contexto da “antiga normalidade¹¹” Habermas defendeu extensamente o poder constitutivo da comunicação, apresentando a Teoria da Ação Comunicativa que se contrapõe a razão instrumental enquanto único elemento operante da vida em sociedade. Partindo da perspectiva que a linguagem constitui uma importante ferramenta de transformação, Habermas argumenta que, através da ação comunicativa, podemos transformar os aspectos objetivos, subjetivos e sociais do mundo.

As culturas tradicionais, com sua cosmo-sensação, através da oralidade, também criam outras normativas na compreensão do tempo e do espaço. Os contadores de história constroem uma ponte entre os ensinamentos tradicionais e o momento presente. A cada vez que a história é repetida cresce o nível de compreensão sobre a mesma e sua materialidade na realidade.

“Assim eu falei!” Diz Wacai, um querido amigo, líder Kariri Xocó Fulniô, ao término de suas falas mais inspiradas, e nos ensina que quando diz isso é como dissesse: “Assim falaram por mim todos e todas que me antecederam”, constituindo uma realidade povoada de imaterialidade viva que molda a cena a partir de diversos aspectos psicológicos, sociológicos, espirituais, sensoriais, perceptivos.



Algumas tradições ameríndias do norte das américas historicamente praticam o Pow-Wow (Partilha/Renovação) onde diferentes nações se encontram após um inverno rigoroso de isolamento social com o intuito de partilhar seus aprendizados pessoais e familiares. Círculos de cura, de anciões, de caçadores, entre tantos outros duram dias e noites a fim de elevar a consciência coletiva e pessoal através das narrativas. O Ritual é mantido, anualmente, até os dias de hoje.

O modo de pensar do Povo Vermelho difere bastante do modo de pensar dos outros povos. Nós não costumamos revelar qual a real mensagem contida em nossas histórias. Assim os ensinamentos são repassados de forma que cada um possa aprender conforme seu próprio modo de ser. (Sans, 1993, p. 250).

Para Nação Muzunguê, o Ipádè, que em uma tradução livre da língua Yorubana significa Encontro, é uma reunião circular, sagrada, onde mais velhos e mais novos sentam-se em círculos, com seus tambores ao centro, para dialogarem e receberem orientações de suas divindades sobre os mais diversos temas, como educação, relações pessoais, fazerem consultas e tomarem decisões diversas. O Ipádè orienta a ação dos kilombolas no Ilè (na Terra). É uma força circular em que Tudo habita, diretamente conectada com todos os elementos e todos os sinais da natureza. O Ipádè é também a materialização das três dimensões que habitam em cada um (a) e na comunidade como um todo, o passado, com a conexão junto aos ancestrais; o presente através daqueles que se encontram; e o futuro, ao refletirem, sentirem, dialogarem com as próximas gerações.

*Sobre esse período que estamos vivendo, isso já havia sido compartilhado conosco, pelas divindades, no Ipádè. Já havíamos sido avisados há muito tempo. Recebemos agora, nos Ipádès a orientação de como devemos agir frente a esse cenário: **com atenção permanente, solidariedade constante, cuidado e zelo incessante com a natureza, com a nossa terra, e com nossos irmãos e irmãs.** Eles nos mostram como agir depois deste processo, porque isso vai passar: com criatividade, reinventando e nos reinventando a cada dia, no hábito de comer, de estar com o próximo, de viver. (Yashodhan).*

A *Nova-normalidade*, consequente exigência da pandemia causada pelo COVID-19, cobra um outro compasso em termos local e global. Inclusive, compasso que nos induza para uma outra arquitetura do viver no que tange as diferentes instâncias de poder, inclusive o poder da fala. Somente com o tempo teremos noção de como tudo isso marcará intimamente nossa subjetividade.

Para a construção desta *Nova-normalidade* ainda em disputa, a fala, o diálogo, a narrativa, a dialogicidade, o registro oral pelo modo como cada um e cada uma e por congruência, pelo modo como a história contará sua vivência, seus processos e seus possíveis aprendizados no tempo de quarente e pandemia, trará a materialidade para o que até então encontra-se em disputa no âmbito abstrato e subjetivo.

O que você tem a dizer?



Referências

HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

BOFF, Leonardo. *O Coronavírus: a autodefesa da própria Terra*. Disponível em: <https://leonardoboff.org/2020/03/23/o-coronavirus-a-auto-defesa-da-propria-terra/> acessado em 01/05/2020.

BOFF, Leonardo. *A Terra contra-ataca a Humanidade pelo coronavírus*. Disponível em: <https://leonardoboff.org/2020/04/16/a-terra-contra-ataca-a-humanidade-pelo-coronavirus/> acessado em 01/05/2020.

BOURDIEU, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.

BRUM, Eliane. *O futuro pós-Coronavírus já em disputa*. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/opiniaio/2020-04-08/o-futuro-pos-coronavirus-ja-esta-em-disputa.html>, acessado em 01/05/2020.

Comisión Económica para América Latina y el Caribe (CEPAL). *Coyuntura Laboral en América Latina y el Caribe*. Disponível em: https://repositorio.cepal.org/bitstream/handle/11362/44604/1/S1900309_es.pdf, acessado em 01/05/2020.

Comisión Económica para América Latina y el Caribe (CEPAL). *Panorama Social de América Latina*. Disponível em: <https://unstats.un.org/sdgs/indicators/database/>, acessado em 01/05/2020.

Comisión Económica para América Latina y el Caribe (CEPAL). *Pobreza na América Latina*. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/cepal-preve-aumento-da-pobreza-na-america-latina-e-caribe-em-2019/>, acessado em 01/05/2020.

FRANCISCO, Papa. *Encíclica Laudato Si*. Disponível em http://olma.org.br/wp-content/uploads/2016/12/texto_integral_enciclica_laudato_si.pdf, acessado em 25/03/2020.

G1. *Lucro dos Bancos em 2019*. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2020/02/13/lucro-dos-maiores-bancos-do-brasil-cresce-18percent-em-2019-e-soma-r-815-bilhoes.ghtml>, acessado, 01/05/2020.

GREENPEACE. *Desmatamento na Amazônia Legal*. Disponível em: <https://www.greenpeace.org/brasil/blog/desmatamento-da-amazonia-tem-3a-maior-alta-percentual-da-historia/>, acessado 01/05/2020.

HABERMAS, J. *The theory of communicative action. Vol 1. Reason and the rationalization of society*. Boston, Beacon Press, 1984.

Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE). *Boletim de Conjuntura 2019*. Disponível em: <https://www.dieese.org.br/boletimdeconjuntura/2019/boletimConjuntura019.pdf>, acessado em 01/05/2020.

HOBBSAW. Eric. *A era dos extremos*. Companhia das Letras, 2012.



KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. Companhia das Letras, 2019.

KRENAK, Ailton. *Conversas Selvagens: Contexto de Pandemia*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xel7GDOefg>, acessado em 01/05/2020.

LATOUR, Bruno. *O futuro pós-pandemia*. Disponível em: <https://climainfo.org.br/2020/04/02/barrar-producao-insustentavel-e-onsumismo/>, acessado em 01/05/2020.

MUJICA, Pepe. *A realidade Latinoamericana*. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2018/12/transformamos-pobres-em-consumidores-e-nao-em-cidadaos-diz-mujica.shtml>, acessado em 01/05/2020.

Observatório Nacional de Justiça Socioambiental Luciano Mendes de Almeida (OLMA). *Nota Pública: O Cuidado plena vida é o melhor caminho para a economia*. Disponível em: <http://olma.org.br/wp-content/uploads/2020/03/Nota-Pública-OLMA-O-CUIDADO-PELA-VIDA-É-O-MELHOR-CAMINHO-PARA-A-ECONOMIA.pdf>, acessado em 01/05/2020.

Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO). *Fome e Pobreza na América Latina*. Disponível em: <https://radioagencianacional.ebc.com.br/internacional/audio/2020-04/fao-coronavirus-aumentara-fome-e-pobreza-na-america-latina-e-caribe>, acessado em 01/05/2020.

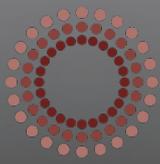
SANS, Jaime. *As cartas do Caminho Sagrado*. Rocco, Rio de Janeiro, 1993.

SANTOS, Boaventura. *A crítica da razão indolente: Contra a lógica do desperdício da experiência*. Loyola, 2017.

SANTOS. Boaventura. *A Cruel Pedagogia do Vírus*. Almedina, Coimbra, 2020.

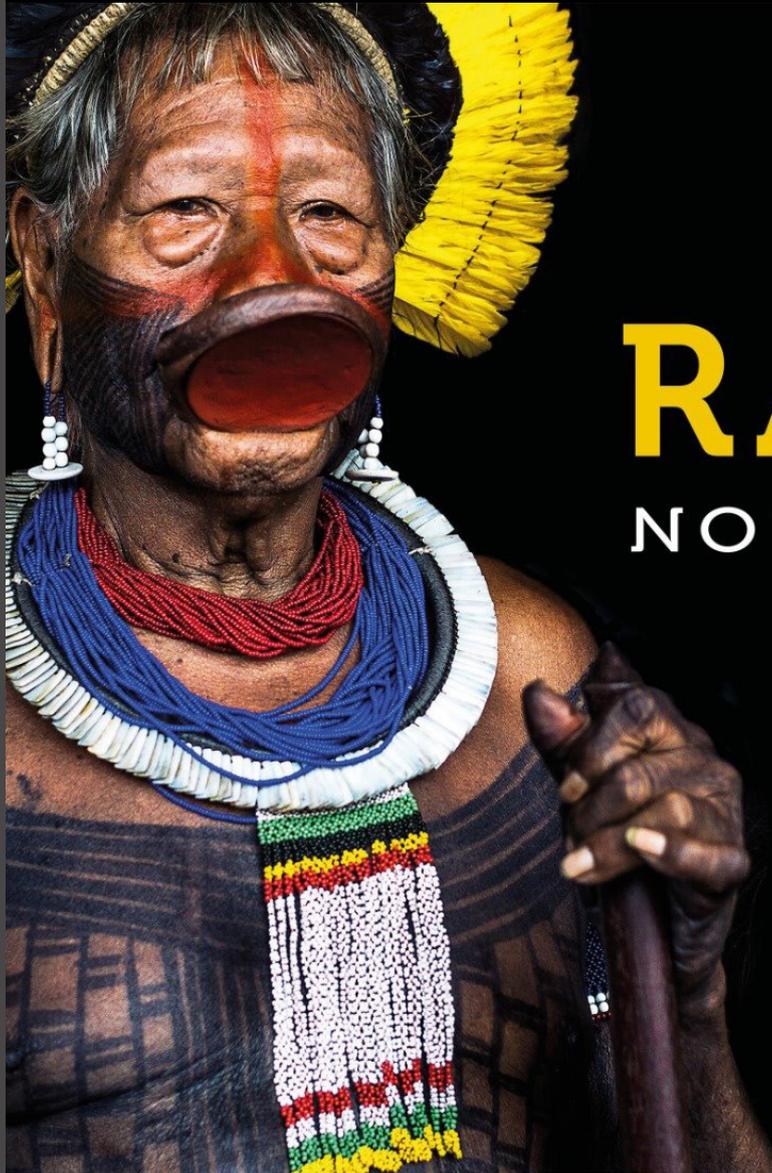
SAVEDA, Thiago. *Lágrima ou chuva*. <http://santuariocriativo.com.br/2019/02/27/poema-subjetividade-lagrima-chuva/>, acessado em 09/05/2020.

SHIVA, Vandana. "Seguindo os passos de Gandhi: uma entrevista com Vandana Shiva". <https://citacoes.in/citacoes/1935887-vandana-shiva-i-believe-gandhi-is-the-only-person-who-knew-about/>, acessado em 15/08/20017.



OLMA

Observatório Nacional
de Justiça Socioambiental
Luciano Mendes de Almeida

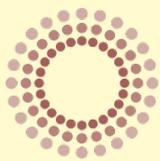


RAONI

NOBEL DA PAZ

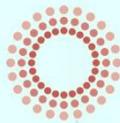
#raoninobeldapaz2020
www.fundar.org.br





Série

Lendo e Refletindo



OLMA



A série Lendo e Refletindo é uma iniciativa do Observatório Nacional de Justiça Socioambiental Luciano Mendes de Almeida (OLMA), que busca socializar, através de sucintos textos, reflexões pertinentes às diferentes práticas e/ ou pensamentos ligados ao conceito de justiça socioambiental, economia solidária, educação popular, diálogo Inter religioso, educação para as relações étnico raciais, povos tradicionais, trabalho em rede, cenários políticos e administrativos nacionais, entre outros. A submissão de textos é aberta a quem interessar e não apresenta estrutura prévia obrigatória, estando ao livre estilo do autor. Se você tem interesse em enviar-nos um texto, ficaríamos muito agradecidos: olmacomunica@jesuitasbrasil.org.br

Para ler os textos já enviados acesse a página da série:
<http://olma.org.br/serie-lendo-e-refletindo/>

RECEBA UM LIVRO EM CASA!

Com o objetivo de incentivar a leitura e discussão dos mais variados temas de interesse comum, o OLMA oferece junto com a “Série Lendo e Refletindo” um programa onde qualquer pessoa tem a possibilidade de escolher e receber um dos livros oferecidos (via correio, em todo território nacional) sem custos. **VEJA COMO FAZER:**



1. Preencha o formulário a partir do link abaixo, comentando algo sobre *esta publicação*.
2. Além disso informe seus dados e indique quais livros, entre os disponíveis, desejaria receber via correio (não haverá custos).
Se durante o trimestre você for sorteado, ganha o livro disponível de sua preferência - na ordem que indicar - e o recebe em casa (junto com mais alguns brindes surpresa).

A biblioteca com os livros para escolha está em continua atualização. **Acesse** a página do programa de doação para conhecer todos os detalhes:

<http://olma.org.br/livros-programa-de-doacao-olma/>

Preencha um formulário por publicação do OLMA (conheça no link todas as publicações que fazem parte do programa neste trimestre e **aumente suas chances**).

COMPARTILHE ESTA IDÉIA!